

## RESENHAS

**Ferrarini, L., & Scaldaferrri, N. (2020). *Sonic Ethnography: Identity, Heritage and Creative Research Practice in Basilicata, Southern Italy*. Manchester: Manchester University Press.**

LUCAS WINK

UNIVERSIDADE DE AVEIRO, AVEIRO, PORTUGAL  
<https://orcid.org/0000-0001-9816-3833>  
[winklucas1@gmail.com](mailto:winklucas1@gmail.com)

A presente publicação é de autoria de Lorenzo Ferrarini, antropólogo e *lecturer* no *Granada Centre for Visual Anthropology* da Universidade de Manchester, e de Nicola Scaldaferrri, diretor do Laboratório de Etnomusicologia e Antropologia Visual da Universidade de Milão e professor associado na mesma universidade. Publicada em língua inglesa, encontramos nas suas 224 páginas uma introdução, sete capítulos textuais, um posfácio escrito pelo antropólogo Steven Feld e um *Listening Guide*. Trata-se de uma obra que analisa um conjunto de eventos rituais na região de Basilicata, sul da Itália. O trabalho sustenta-se em décadas de incursão ao terreno e apresenta um inquérito às práticas de escuta e de produção sonora naquele contexto.

Já numa análise inicial, constatamos que a aposta em meios não escritos de representação etnográfica constitui um desígnio dos autores. A presença da imagem, por exemplo, rapidamente salta aos olhos: em cada capítulo, e na sua generalidade da autoria de Ferrarini, encontramos uma coleção de fotografias dispostas de maneira diversa – antes do texto (capítulo 1 e 2); incorporadas ao texto (capítulo 3 e 5), e alternando com o texto como um “clássico ensaio fotográfico de revista” (capítulo 4). Depois, borrando de igual modo as fronteiras entre o artístico e o etnográfico, encontramos os capítulos sonoros: tratam-se de seis composições de Scaldaferrri elaboradas a partir de dois princípios de edição – sequências descritivas de sons (capítulos sonoros 1, 3, 4 e 6) e sobreposição criativa de sons (capítulos sonoros 2 e 5). Estas narrativas sonoras sintonizam-se com as linhas argumentativas de cada um dos textos, sendo, por isso, um convite para que o leitor apanhe os fones de ouvido e literalmente escute o terreno. Como peça de abertura, deparamo-nos ainda com uma composição de Steven Feld, figura que, aliás, não só esteve em Basilicata gravando com Scaldaferrri ao longo dos anos 2000, mas cujos contributos da acustemologia parecem constituir uma verdadeira inspiração para o enquadramento do presente estudo.

Na introdução da publicação são esclarecidas escolhas, procedimentos e terrenos de incursão. Escrita em coautoria, nela são abordados: (i) o contexto geográfico, histórico e cultural de Basilicata;

(ii) o papel de etnógrafos desde os anos 1950 na documentação de práticas expressivas como a música, o jogo da foice e os lamentos funerários campestres; (iii) o impacto da atividade de fotógrafos, jornalistas e realizadores de cinema na construção de um imaginário da vida rural e folclórica; (iv) as iniciativas de promoção da cultura regional no século XXI substancializadas em processos de patrimonialização, festivalização e turistificação; (v) o enquadramento crítico-teórico da “etnografia sônica”, fio condutor anunciado já no título da obra.

Reflexo do giro aural nas Ciências Sociais – em particular nas áreas da Antropologia do Som e dos Estudos do Som que criticam o ocularcentrismo de esforços etnográficos de outrora –, a inclinação ao sonoro está no coração dessa pesquisa. Mais do que reproduzir uma abordagem cingida a referências shaferianos de inquérito, Ferrarini e Scaldaferrri interpelam o caráter relacional do som e da escuta, examinando o modo como relações entre espécies, lugares e sentidos são sensivelmente promulgadas em Basilicata. Nas suas palavras:

Our focus [...] is rather on what sound does, and on what it allows people to do. [...] we are interested in the relational and experiential aspects of sound that cut across dichotomies between nature and culture, non-musical sound and music. [...] we will listen to tree rituals, carnivals, pilgrimages and archival sound recordings, to understand how in the acoustic dimension people mark space, organize action, take control of festivals or reaffirm local identities (:1-5).

Ouvidos abertos à matéria vibrante, é esta a linha interpelativa que, capítulo a capítulo, vai sustentando o escutar de celebrações populares, de festivais de verão e de práticas de música pelos autores.

Assinado por Ferrarini e Scaldaferrri, o primeiro capítulo, “When the trees resound: towards a sonic ethnography of the Maggio festival in Accettura”, baseado em trabalho de campo desde 2002, trata do *Maggio*, evento inserido nas celebrações de São Júlio durante o Pentecostes em Accettura. Envolvendo residentes locais, agentes autárquicos, emigrantes italianos e turistas, diz respeito ao ritual abrangendo o corte de troncos de carvalho e de azevinho frondoso, o seu carregamento por grupos de homens e animais e o processo preparativo de içamento de uma estrutura arbórea na praça da vila. O capítulo aborda os acontecimentos sônicos do evento, atentando aos sons “institucionalizados” ou “espontâneos” presentes (i) em procissões, missas e atuações de *walking bands*; (ii) nos itinerários, danças e nas interações entre participantes; (iii) nas *jam sessions* com instrumentos musicais tradicionais como a *zampogna*, o *organetto* e o *tamburello*; (iv) nas interações humano-material e humano-animal (o berrar dos bois, o estalar dos chicotes, o corte de machados, o cair das árvores nas profundezas da floresta). Os autores inquerem, em suma, sobre o modo como o som cumpre uma função denotativa das mudanças entre as várias fases do ritual, entre os lugares percorridos pelos participantes e entre as diferentes atmosferas emocionais que dizem negligenciadas em documentações anteriores.

O capítulo 2 é escrito por Scaldaferrri e intitula-se “Soundmasks in resounding places: listening to the Campanaccio of San Mauro Forte”. Trata-se de um estudo do *Campanaccio*, ritual envolvendo a mobilização performativa de grupos de indivíduos tocando *cowbells* pelas ruas de San Mauro Forte. Enfatizando a natureza eminentemente sonora desse acontecimento noturno que assinala o início do carnaval, o autor explora (i) o papel do som na construção de um sentido de comunidade local; (ii) a

relação entre som, escuta, corpo e espaço arquitetônico; (iii) o som dos sinos como *soundmasks* que os *performers* “vestem” temporariamente; (iv) o modo como grupos performativos constroem as suas identidades sônicas em função da coesão rítmica de execução dos sinos; (v) o elemento rítmico como mecanismo de controle que desafia interpretações presentes na literatura acerca da troca de papéis entre humanos e animais em rituais carnavalescos. São abordados também estratégias de promoção pelo poder político local e conflitos despoletados com *performers*.

Ferrari é o autor dos capítulos 3 e 4. O terceiro, “Sonic devotion and sonic control: struggles for power over a festival soundscape”, centra no festival da *Madonna del Pollino*, celebração de três ciclos entre junho e setembro em San Severino Lucano. Pontuando que desde os anos 1990 o clero vem engendrando ações no sentido de remover práticas “inapropriadas” de religiosidade, examina como a Igreja exerce controle sobre as formas de devoção dos peregrinos. Argumenta que este controle ocorre no domínio do acústico, expressando-se na restrição/disciplinarização da produção de sons. Escrutina três micropráticas de poder patentes no acampamento do santuário de *Pollino*: i) a demarcação do espaço para classificar determinados sons como barulho; ii) o encorajamento de uma experiência passiva do som visando criar “ouvintes éticos”; iii) a instalação de câmeras de vigilância e equipamentos sonoros para sobrepor a missa, o sermão ou canções religiosas às práticas sônicas dos participantes. Não deixa de avaliar, porém, as atividades de Don Serafino La Sala no *Madonna del Piano* como um exemplo mais inclusivo.

No capítulo 4, “Sounds and images of nostalgia: the revival of Lucanian wheat festivals”, Ferrari aborda os festivais do trigo em diversas localidades de Basilicata durante as festas de agosto dedicadas aos santos padroeiros ou à Virgem Maria. Descrevendo a preparação de procissões, das oferendas e das estruturas materiais confeccionadas com o cereal, sinaliza que estes eventos vêm passando por um processo de revitalização desde o início de 2000. Embora fruto de políticas de patrimonialização, busca apontar o aspecto emocional que a vinculação do festival a um passado agrícola exerce na crescente participação popular. Este é um capítulo fortemente marcado pela justaposição de fotografias. Observa-se, também, uma ruptura com a linha argumentativa sônica tão explícita nos capítulos anteriores, cingida aqui a uma rápida menção da presença de música e de danças “ao som da tarantela”.

No capítulo 5, “Voices across the ocean: recorded memories and diasporic identity in the archive of Giuseppe Chiaffitella”, Scaldaferrri desenvolve um estudo centrado no caso de Giuseppe Chiaffitella (n.1900; m.1980), emigrante italiano de raízes albanesas natural de San Constantino Albanese que partiu para os Estados Unidos ainda adolescente. Numa “etnografia sônica de arquivo”, o autor traça a história dessa personagem, elucidando como os registros sonoros que efetuou no seu gravador de fitas promoveram a sustentação da memória, da identidade coletiva e de uma rede de relações entre comunidades diaspóricas transatlânticas. A partir dos anos 1950, durante viagens realizadas entre Nova Iorque e San Constantino, Chiaffitella gravou e transportou consigo sons das paisagens sonoras, canções em italiano ou arberesco, poemas, lamentos e vozes de amigos e parentes. Promoveu sessões coletivas de escuta às quais sucederam-se novos registros destinados além-mar.

Scaldaferrri também assina o capítulo 6, “Doing research in sound: music-making as creative intervention”. Aqui o autor discute o seu papel como investigador e tocador de *zampogna*. Problematisa

essa posição dual, situando, por um lado, a relação de intimidade desenvolvida com este instrumento enquanto nativo de San Constantino Albanese e, por outro lado, o seu papel como acadêmico que comunica com uma audiência externa. Avaliando o fazer musical como um dos aspectos para se conduzir “*research in sound*”, antevê no engajamento performativo uma oportunidade para estabelecer diálogo com músicos e comunidades locais. Contextualiza colaborações no terreno, elencando resultados propiciados pela condição de músico prático, tais como a revitalização da dança da foice no festival de São Roque; o projeto de revitalização do arberesco na escola primária da sua vila natal; até instalações artísticas experimentais multimédia em instituições museológicas.

“Photographing as an anthropologist: notes on developing a photo-ethnographic practice in Basilicata” é o título do último capítulo. Escrito por Ferrarini, aborda os desafios do desenvolvimento de uma prática fotoetnográfica a partir de dois eixos: (i) a exploração da documentação produzida por etnógrafos que no passado estiveram em Basilicata; (ii) a sua experiência como fotógrafo. Constrói os seus argumentos sinalizando as razões que diz ter outorgado à fotografia um lugar secundário na prática etnográfica: (i) a associação da imagem com um olhar objetificador, ligado à história colonial da Antropologia; (ii) a ambiguidade da imagem quando comparada ao escrito. Sublinhando o seu potencial evocativo, trabalha para desconstruir tais premissas explorando a relação entre imagens, entre imagens e pessoas, entre imagens e textos escritos e, é claro, entre imagem e som.

Na minha apreciação, a presente obra constitui um contributo notável não só porque analisa com bastante sucesso comportamentos e práticas sônicas negligenciadas em incursões acadêmicas do passado, mas porque aposta na articulação de diferentes modos de representação e divulgação. Na proposta de Ferrarini & Scaldaferrì, som e imagem são mais do que meros mecanismos ilustrativos da escrita. Nesse sentido, o som, em particular – verdadeira entidade atravessando a obra de lés a lés – é tanto um objeto de pesquisa como um método de representação. É precisamente nessa combinação que penso residir um dos méritos do trabalho. Se ao leitor posso deixar uma sugestão, seria a de experimentar entrar em Basilicata por via da escuta, ouvindo os áudios antes de recorrer às palavras (inclusive àquelas plasmadas no *Listening Guide*). Aliás, os próprios autores explicitam a possibilidade de percorrer livremente os conteúdos. Num paralelo com Tom Rice, antropólogo que vem levantando a bandeira dos documentos sonoros como alternativa a modalidades mais objetificadoras de representação cultural, como o texto escrito, a obra de Ferrarini e Scaldaferrì constitui um esforço provocativo para que as produções etnográficas encontrem não só leitores críticos, mas também ouvintes sensíveis às ressonâncias dos terrenos pesquisados.

*Lucas Wink é doutorando em Música (Etnomusicologia) na Universidade de Aveiro, Portugal e investigador do projeto “Práticas Sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI”.*

## FINANCIAMENTO

*Este texto foi escrito com o suporte de uma bolsa de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal e cofinanciada pelo Fundo Social Europeu através do Programa Operacional Regional Centro (SFRH/BD/139998/2018).*

*O projeto Práticas Sustentáveis é cofinanciado pela União Europeia através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização, na sua componente FEDER, e por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/ART-FOL/31782/2017).*

RECEBIDO: 09/09/2021

ACEITO: 21/12/2021

PUBLICADO: 27/06/2022



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons BY-NC*